

LACAN E LINGUÍSTICA COGNITIVA: NOVOS DIÁLOGOS EM TORNO DA INTERSUBJETIVIDADE*LACAN AND COGNITIVE LINGUISTICS: NEW DIALOGUES SURROUNDING INTERSUBJECTIVITY**Augusto Ismerim¹**Christian Ingo Lenz Dunker²***RESUMO**

Apesar das apostas históricas na relação entre linguística e psicanálise, o estado contemporâneo da relação entre as disciplinas é problemático e marcado por afastamentos. Visando reativar o diálogo entre os campos, discutimos a possibilidade de uma cooperação entre linguística cognitiva e psicanálise de influência lacaniana em torno da intersubjetividade. Ao menos desde 2001, há pesquisas aproximando a linguística cognitiva e a psicanálise. Contudo, é quase inexistente o contato dessas pesquisas com a obra de Lacan, não obstante sua insistência nas proximidades entre psicanálise e linguística. Além disso, são poucos os estudos que tematizam a dimensão epistemológica do diálogo, comparando as concepções de linguagem nos campos. Diante dos muitos desafios envolvidos neste intercâmbio, visamos demonstrar seu potencial interesse, desenvolvendo exercícios de aproximação baseados em três problemas: o lugar da linguagem entre natureza e humanidades, o trabalho com a significação e o papel da interação na constituição mútua do sujeito e da linguagem. Sugerimos, respectivamente, que ambos os campos demandam a construção de um quadro de relações complexas entre as variadas dimensões da linguagem humana; que a linguística cognitiva, com sua ênfase na construção dinâmica de significações, pode contribuir para a teorização da escuta clínica; e que a psicanálise lacaniana pode contribuir para uma teoria da interação em linguística, sublinhando as contradições em jogo na constituição de um sujeito falante.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Lacan. Linguística cognitiva. Epistemologia.

ABSTRACT

Despite historical interest in the relationship between linguistics and psychoanalysis, the current state of this interdisciplinary exchange is problematic and marked by distances. In order to revitalize the dialogue between both disciplines, we highlight the chance for cooperation between cognitive linguistics and Lacanian psychoanalysis around intersubjectivity. At least since 2001, there have been studies bringing cognitive linguistics and psychoanalysis closer together. However, there is virtually no contact between these studies and the work of Lacan, despite his insistence on the proximity between psychoanalysis and linguistics. Furthermore, few studies address the epistemological dimension of dialogue, comparing the conceptions of language in the fields. In this paper, we advocate for the potential of this challenging interdisciplinary encounter, by carrying out exercises of approximation based on three problems: the place of language between nature and humanities, the clinical handling of meaning, and the role of interaction in the mutual constitution between subject and language. We suggest, respectively, that both fields require the construction of a complex framework to account for the multiple aspects of human language; that cognitive linguistics, with its emphasis

¹ Aluno do programa de Mestrado em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), augustoismerim@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-8322-8718>.

² Prof. Dr. do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Analista Membro de Escola do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo e membro da International Society for Psychoanalysis and Philosophy; chrisdunker@usp.br, <https://orcid.org/0000-0001-7335-4561>.

on the dynamic construction of meanings, can contribute to the theorization of clinical listening; and that Lacanian psychoanalysis can contribute to a theory of interaction in linguistics, emphasizing the contradictions at play in the constitution of a speaking subject.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Lacan. Cognitive Linguistics. Epistemology.

1. Introdução

E como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise? Para isso, seria preciso uma boa dose de pessimismo, e até de cinismo epistemológico. – Michel Arrivé (1999, p. 23).

Movimentos importantes na linguística contemporânea têm avançado em direção à intersubjetividade, enfatizando o papel das interações humanas e das trocas simbólicas na organização da linguagem. De maneira análoga, há aqueles que partem do terreno da intersubjetividade em direção à linguística, pretendendo encontrar nela fundamentos capazes de enriquecer suas práticas. Tanto em um sentido quanto no outro, poderíamos nos lembrar de uma cooperação interdisciplinar cuja promessa conhecemos há muitas décadas, mas que se vê atravessada por impasses: a cooperação entre psicanálise e linguística. Nesse âmbito, a relação específica da psicanálise lacaniana com a linguística cognitiva guarda alguns impasses especiais, mas, argumentaremos, pode ser também especialmente plena de potencial de pesquisa.

A psicanálise pode ser entendida como um campo dedicado às relações entre intersubjetividade, linguagem e psicopatologia. Nesse sentido, a prática psicanalítica consiste na produção de situações intersubjetivas *sui generis*, desenhadas para manifestar e transformar, sempre por meio da linguagem, aspectos do sujeito ligados a seu sofrimento, mal-estar ou sintoma (Dunker, 2016). O nó entre estes três aspectos da psicanálise (intersubjetividade, linguagem e psicopatologia) foi bem resumido na expressão “*talking cure*” – “cura pela conversa”³ –, alcunha formulada por Anna O., uma das famosas pacientes atendidas por Breuer e Freud no final do século XIX (Freud, 2006a).

A relevância teórica da linguagem para a psicanálise é uma ideia bem estabelecida na literatura acadêmica, e pode ser encontrada, por exemplo, nas leituras que mostram a relevância dos estudos sobre as afasias na formação do pensamento de Freud (Campos, 2010), ou naquelas que recuperam a transversalidade da questão da linguagem ao longo de sua obra (Forrester, 1980; Gabbi Jr., 1994). Mas a interpretação do lugar que a linguagem deveria ter para a psicanálise – central ou periférico, de fundamento ou de superfície – variou nas diferentes escolas e leituras. De modo similar, variou a ênfase dada ao parentesco da psicanálise com diferentes disciplinas: hermenêutica, literatura, semiologia etc. (Dunker; Paulon; Milán-Ramos, 2016).

³ A partir, centralmente, da psicanálise, uma série de outras práticas psicoterapêuticas (de “curas pela conversa”) foram desenvolvidas no último século. Parte dos argumentos desenvolvidos aqui a respeito do potencial de cooperação entre linguística e psicanálise poderia, certamente, ser estendida de modo a contemplar outras psicoterapias. Neste artigo, nos concentraremos na psicanálise, o que se justifica não só por ser essa a nossa especialidade, mas também pelo histórico existente de diálogos entre linguística e psicanálise e pela centralidade que a psicanálise tem no contexto das práticas psicoterapêuticas no Brasil.

Notavelmente, foi Lacan quem popularizou a ideia de um parentesco entre a psicanálise e a *linguística*, insistindo que a linguagem é basilar tanto nos trabalhos de Freud quanto na práxis psicanalítica, e que o modo adequado de formalizar o conhecimento psicanalítico deveria e poderia ser alimentado pelos paradigmas epistemológicos das ciências da linguagem. Lacan se apropriou de conceitos linguísticos (como as oposições significante e significado, enunciado e enunciação); colaborou com linguistas célebres (como Émile Benveniste); e inspirou inúmeros autores importantes na linguística, na filosofia da linguagem, na análise do discurso (como Michel Arrivé, Jean-Claude Milner e Michel Pêcheux).

O gesto lacaniano de aproximar a psicanálise da linguística pode ser enquadrado em um contexto mais amplo, o estruturalismo. No contexto estruturalista, pesquisadores de diferentes áreas das ciências humanas acreditaram poder encontrar na linguística estrutural uma espécie de guia metodológico para a formalização de seus problemas e para a autonomização de seus campos do conhecimento, um horizonte de científicidade. Para o Lacan dos anos de 1950, a análise linguística e a psicanálise chegam, por vezes, a se confundir, como ciências irmãs que chegassem a se tornarem gêmeas. Ele diz, por exemplo, que as leis estruturais que permitem reconhecer um fenômeno como formação do inconsciente “recobrem de forma exaustiva”, “são estritamente identificáveis” com os modos essenciais de formação de sentido que a análise linguística permite conhecer (Lacan, 2024a, p. 29). A promessa lacaniana de uma integração profunda e direta entre psicanálise e linguística vai durar talvez até o início de 1970, quando ele cunha o termo *linguisteria*, marcando explicitamente uma divisão entre o modo como a linguagem deveria ser estudada em um campo e no outro (Machado, 2011).

Há várias maneiras de falar das dificuldades envolvidas na colaboração entre estas disciplinas. Michel Arrivé (1999) relata que, por conhecer a máxima lacaniana do “inconsciente estruturado como linguagem” tinha esperanças de facilmente entender a estrutura do inconsciente, dado que ele enquanto linguista já entendia algo sobre a estrutura da linguagem – e que essa esperança foi estilhaçada ao ler as primeiras linhas de Lacan. Ele se dava conta que os conceitos de linguagem e de significante em Lacan tinham apenas traços em comum com o uso que faziam deles os linguistas (e publicaria mais tarde importantes trabalhos delineando estes encontros e desencontros). Waldir Beividas (2009) fala em uma relação *mal-começada*: os acenos iniciais e enérgicos feitos de um campo a outro no contexto do estruturalismo francês não encontraram continuidade em traduções conceituais que permitissem uma cooperação continuada entre ambos. André Green foi mais categórico, nomeando a tentativa de diálogo entre linguística e psicanálise como um fracasso (Arrivé, 1999, p. 11).

Talvez por conta destas dificuldades, o contato do pensamento psicanalítico com a linguística parece ser, há várias décadas, muito limitado. Na apresentação de um livro introdutório aos problemas de pesquisa atuais em linguística, Sírio Possenti pontua que temas bem conhecidos nos meios especializados:

são nada — eu disse ‘nada’, não disse ‘pouco’ — conhecidos nos meios que não se dedicam especificamente a essas questões, por mais que elas lhes sejam afetas. Este poderia bem ser o caso dos críticos literários, antropólogos, sociólogos, cientistas políticos, psicólogos, e mesmo psicanalistas. (...) O que justifica esse livro é sua capacidade de produzir uma certa ruptura. No caso dos intelectuais vizinhos, o efeito poderia ser de uma atualização mínima (Possenti, 2001, p. 12-13).

É necessária essa atualização. Desde o contato inicial de Lacan com as ideias de Saussure, a linguística continuou passando por muitas transformações. Dado o estado de distanciamento entre as disciplinas que transcorre já por muitas décadas, parece plausível que muitas pontes frutíferas poderiam ser construídas entre a psicanálise lacaniana e a linguística contemporânea. Tais sugestões seriam bem-vindas, como um modo de avançar o debate sobre linguagem e intersubjetividade em geral.

Neste artigo, nos concentraremos em uma ponte específica. A partir de sua colaboração com as ciências cognitivas, surge na linguística contemporânea uma abertura para um novo horizonte teórico e metodológico. É digno de atenção para a pesquisa em psicanálise que um movimento intelectual julgue oferecer um modelo de científicidade para os universos do texto, do discurso, da poesia, da intersubjetividade. Nesse sentido, o encontro entre psicanálise lacaniana e linguística cognitiva poderia ser muito pertinente, pois a psicanálise lacaniana insiste que sua prática é fundada na estrutura da linguagem, enquanto a linguística cognitiva insiste na importância de se estudar a linguagem em uso, enfatizando a construção dinâmica e encarnada dos significados.

Existem, contudo, tensões evidentes. Poderíamos distinguir três níveis principais de dificuldades. O primeiro é a distância epistemológica entre os campos, compreensível, por exemplo, a partir do fato de que linguística cognitiva combina de tendências naturalistas e psicologistas, ambas as quais já foram duramente criticadas por Lacan. Na esteira lacaniana, a psicanálise tendeu a se afastar significativamente do campo das ciências (construir seus fundamentos em outros termos, como de um ponto de vista lógico (Miller, 1977), filosófico (Safatle, 2006) ou topológico (Krutzen, 2018). O segundo nível de dificuldades é o da distância teórica, e é dado tanto pelo fato de que os objetos e termos das disciplinas não coincidem entre si (Arrivé, 1999; Kihlstrom, 2013) quanto pelo fato que a psicanálise pós-lacaniana tenha buscado um modo flexível de produção de conhecimento, valorizando construções polissêmicas e associativas (Fontes, 2015). Esse modo polissêmico e associativo de saber se opõe aos conceitos unívocos, bem-definidos, e com alguma afinidade com metodologias empíricas tradicionais, como costumamos encontrar no campo cognitivista. O terceiro nível é político, pois há extensas disputas entre os campos, como podemos observar nas críticas dos lacanianos ao discurso científico do cognitivismo (Parker, 2003; Pavón-Cuéllar, 2004) ou nas clássicas acusações vindas do campo hegemônico das ciências de que a psicanálise seria obscurantista (Sokal, 2000), ou mesmo nas movimentações que têm visado proibir a psicanálise de tratar certas condições, priorizando as terapias cognitivo-comportamentais (Franceinfo, 2012).

Oferecer um exame detalhado dessas dificuldades ou de propor encaminhamentos para elas, é um trabalho de fôlego que foge do escopo deste artigo. Aqui pretendemos levantar alguns motivos que justifiquem pensarmos na possibilidade de uma aproximação, a despeito dessas dificuldades. Esse passo é importante pois, se convidamos dois campos marcados por tantas tensões a uma cooperação, precisamos de uma justificativa sólida que possa estimular que se faça, em um segundo momento, o trabalho de examinar detidamente essas dificuldades e de formular respostas à sua altura.

A atitude separatista (que reage à ideia de aproximação com antipatia imediata) é compreensível dentro da realidade autônoma de cada um destes programas de pesquisa, mas ignora a transdisciplinaridade de alguns problemas e objetos. O tópico da intersubjetividade põe esse terreno transdisciplinar em evidência. Assim como é fundamental para a psicanálise avançar em sua compreensão teórica dos fenômenos complexos de linguagem em uso que se dão na análise, é fundamental para a linguística avançar em sua compreensão do papel das relações de um sujeito com o Outro na constituição de seu sistema simbólico e conceitual. Nessa via, embora a interação histórica e política entre psicanálise e linguística - particularmente entre a psicanálise lacaniana e a linguística cognitiva - possa gerar uma atmosfera de pessimismo ou ceticismo epistemológico, podemos reconhecer uma vasta gama de interesses comuns entre os dois campos. A intersubjetividade funciona como um convite, àqueles interessados na linguagem, a olhar para o universo das relações e, inversamente; àqueles interessados em relações, a olhar para o universo da linguagem. É nesse sentido que compreendemos a afirmativa de Arrivé apresentada na epígrafe acima: como dispensar o encontro entre linguística e psicanálise?

Procuraremos justificar este encontro a partir de alguns exercícios iniciais de diálogo e cooperação. Na primeira seção, colocamos em evidência paralelos epistêmicos entre as questões de um campo e de outro. Na segunda e na terceira seções, passamos a algumas possibilidades de contribuições teóricas mútuas – respectivamente, no problema da significação como este aparece no contexto da clínica psicanalítica e no problema do papel constitutivo e paradoxal que a interação tem para a articulação da relação entre sujeito e linguagem. Considerando que as ideias iniciais apresentadas aqui demandariam elaborações mais cuidadosas no futuro, nosso objetivo é que elas possam iluminar caminhos de pesquisa possíveis e motivar psicanalistas e linguistas interessados nestes desafios.

2. Entre natureza e humanidades

O aparecimento do paradigma epistemológico que sustenta a linguística cognitiva marca uma ruptura com diversas concepções então vigentes na linguística. Marca uma ruptura com a concepção (de ascendência estruturalista) de que a linguagem é um sistema autônomo em relação à psicologia; bem como com a concepção (de ascendência logicista) de que a semântica deve se dedicar à relação entre linguagem e elementos do mundo, sem interesse pela mente ou pelo corpo do falante. Na linguística cognitiva, a significação assumirá um papel na estruturação de todo fenômeno linguístico, sendo entendida fundamentalmente como uma relação entre as formas linguísticas e

nossas estruturas conceituais – representações mentais. O resultado é uma mudança profunda na forma como o significado é investigado, e um acúmulo de modelos teóricos pouquíssimo conhecidos pelos psicanalistas. Nas palavras enfáticas de Gilles Fauconnier:

O empreendimento da linguística cognitiva, acreditamos, já foi notavelmente bem-sucedido. Não seria absurdo dizer que talvez pela primeira vez foi lançada uma genuína ciência do significado, de sua construção e de sua dinâmica. Isso foi alcançado ao se estudar e modelar intensivamente a cognição que está por trás da linguagem e que vai muito além dela, mas que a linguagem reflete de certas maneiras e que, por sua vez, sustenta a dinâmica do uso da linguagem, das transformações na linguagem e da organização da linguagem (Fauconnier, 1999, p. 96, tradução nossa).

Desde 2001, é possível identificar na literatura trabalhos aproximando a psicanálise de teorias da linguística cognitiva (Kövecses, 2001). Mais recentemente, entre 2010 e 2020, nossa busca preliminar encontrou cerca de dez publicações tendo como objeto central alguma forma de contato entre a psicanálise e o paradigma cognitivista na linguística. Essa onda recente faz parte de um quadro mais amplo, no qual os modelos da linguística cognitiva têm encontrado desdobramentos em disciplinas como a poética, a crítica literária e a análise do discurso (respectivamente, Stockwell, 2019; Burke e Troscianko, 2017; Tenbrink, 2015).

No campo psicanalítico, destacam-se o trabalho de Bolognesi e Bichisecchi (2013) mostrando como a análise psicanalítica de sonhos se aproxima de modelos desenvolvidos na teoria cognitivista das metáforas, e a pesquisa de Marco Casonato (2012, 2015) buscando descrever dinâmicas psicopatológicas nos termos da linguística cognitiva. Outros exemplos de pesquisas que visaram aproximar psicanálise e linguística cognitiva são Rosenbaum (2003), Buchholtz, Spiekermann e Kächele (2015) e Caspi (2018). Vale mencionar ainda a tese de doutorado do brasileiro Fabio Thá (2004), intitulada *Categorias conceituais da subjetividade*. Em seu trabalho temporão, Thá descreve os principais conceitos da linguística cognitiva e defende sua relevância para a formulação teórica na psicanálise, sugerindo também de que modo a psicanálise pode contribuir para as ciências cognitivas. Um trecho do resumo ajuda a ilustrar seu espírito:

Essa tese visa a resgatar a dimensão semântica, psicológica e cognitiva da obra freudiana, bem como articulá-la com as teorias cognitivas contemporâneas. [...] O desenvolvimento, no Século XX, do tratamento lógico-formal do pensamento humano e da semântica das línguas naturais mostrou seus limites e conduziu à consideração dos processos cognitivos neles envolvidos. A investigação da qualidade imagética e analógica que fundamenta as organizações categoriais do pensamento, e de como essas categorias organizam-se em redes ordenadas semanticamente, sugere que elas derivam-se da experiência do sujeito com seu corpo e com seu mundo. [...] Finalmente, o texto explora a experiência fragmentária que o sujeito tem de seu eu, retornando ao conceito fundamental da psicanálise freudiana, o conflito psíquico. A divisão do eu, longe de ser ocorrência isolada ou sinal de ‘doença’, revela a relação fundamentalmente conflituosa que o homem tem consigo próprio, que se manifesta na presença da incompatibilidade conceitual e da contrafatualidade que atravessa sua vida mental. Esta constatação pode ser considerada a verdadeira contribuição teórica e prática

de Freud para as ciências da cognição, contribuindo decisivamente para a compreensão das bases cognitivas das categorias conceituais da subjetividade (Thá, 2004, p. viii).

O surgimento de publicações, especialmente na última década, relacionando psicanálise e linguística cognitiva pode sugerir um interesse crescente neste intercâmbio. No entanto, três pontos devem ser notados. Primeiro, os poucos trabalhos sobre psicanálise e linguística cognitiva parecem esparsamente distribuídos por revistas de diferentes disciplinas, autores de diferentes países e interesses em diferentes problemas. Segundo, não parece haver ainda trabalhos mais sistemáticos de aproximação, tecendo, por exemplo, um debate sobre as diferenças em como a linguagem é concebida teoricamente em um e outro campo. Terceiro, encontramos apenas um trabalho que faz menção à Lacan. É um artigo de Marcus Lepesqueur (2020), refletindo sobre a relação entre semiótica cognitiva e a psicose paranoica, o qual recorre ao conceito de imaginário em Lacan, ainda que não se aprofunde no diálogo com este autor. Nesse sentido, seria importante atuar nas três frentes aqui identificadas: integração e organização do campo, pesquisa epistemológica sobre as teorias da linguagem subjacentes e absorção da tradição lacaniana.

Dando um passo nessa direção, podemos considerar que há paralelos importantes entre questões epistemológicas da linguística e questões epistemológicas da psicanálise. Um primeiro paralelo diz respeito ao lugar das ciências da linguagem entre as ciências naturais e as ciências humanas. É desafiador estudar a linguagem simultaneamente em sua dimensão “natural” – ligada aos processos neurológicos, evolutivos, cognitivos que a constituem e que são constituídos por ela – e em sua dimensão “humana” – ligada aos processos sociais, políticos, culturais, relacionais que a constituem e que são constituídos por ela (e cada uma dessas duas amplas dimensões compreende, em si, uma enorme multiplicidade de métodos e de enquadres). A tentativa de compor de enquadres voltados à “natureza” e às “humanidades”⁴ é particularmente desafiadora, de modo que, para alguns, chegaria a parecer algo inadequado ou mesmo impossível.

Para entender a relevância dessa questão na história da psicanálise, começemos olhando para a fundação da psicanálise. Freud articulou uma clínica psicopatológica capaz de demonstrar o *sentido dos sintomas* (Freud, 2006b). Freud definiu o sentido como algo mental e cuja participação no fenômeno psicopatológico é essencial. Esses sentidos possuem determinados poderes causais: sintomas, por exemplo, são causados por sentidos que permaneceram atuando no inconsciente, a partir dos processos de deslocamento, condensação, somatização etc. que agiram sobre alguma representação originalmente recalculada. De modo geral, o sintoma torna-se inteligível e tratável na psicopatologia freudiana a partir de sua relação causal com certo sentido inteligível na experiência vivida do paciente.

⁴ Usamos aqui uma oposição provisória que certamente poderia vir a ser mais bem colocada a partir de contribuições encontradas na linguística cognitiva e na psicanálise. Exemplo dessa possibilidade são os quadros de trabalho mediacionistas ou sociocognitivos. Nyckees (2008), por exemplo, enfatiza o fato de que a linguagem revolucionou a existência humana, afetando tanto o desenvolvimento cognitivo individual quanto as condições coletivas e históricas de nossa atividade e de nosso pensamento. Com isso, ele pode concluir que a cognição humana é profundamente modificada pela história da linguagem e, por essa via, os próprios estudos cognitivos se veem obrigados a levar em conta fatores que vão muito além da biologia individual ou mesmo da história evolutiva da espécie.

O feito de colocar o *sentido* no lugar de *causa* e sua relevância para a constituição da psicanálise é bem expresso pela observação de Richard Simanke (2009): com Freud, interpretar e compreender não mais se distinguem de explicar. O que não é trivial, pois a isso se liga o tremor causado nas ciências pelo surgimento da psicanálise: ao situar as patologias mentais firmemente no interior de dinâmicas de significação, Freud delineava uma fratura entre os campos da natureza e do espírito (lembremos que a divisão entre *explicação* e *compreensão* fundava uma concepção clássica da distinção entre ciências naturais e humanas). Ao mesmo tempo, essa curiosa fratura parecia funcionar como borda, margem — talvez possível de atravessar.

Mas é preciso reconhecer que a relação entre natureza e linguagem foi um dos pontos mais disputados nas continuações da psicanálise desde a morte de Freud. Segundo Simanke (2009), é possível encontrar tanto psicanálises antinaturalistas (culturalismo norte-americano, psicanálise existencial, psicanálise lacaniana) quanto naturalistas (psicologia do ego, neuropsicanálise), sendo que nenhum dos casos parece contemplar propriamente a singularidade freudiana. Peter Dews concorda, em um tom um pouco mais pessimista. Para ele, o equilíbrio que dava força à posição freudiana continha ambiguidades e fragilidades que ocasionaram a fratura disciplinar que ocorreria na psicanálise após a morte de seu fundador:

A história dos desenvolvimentos pós-freudianos na psicanálise, entretanto, deixa claro o quanto frágil era a ambiguidade — e o equilíbrio — que constituíam a força da obra de Freud. A síntese original freudiana — um compromisso com o determinismo no domínio da psique, uma inclinação para os modos biológicos de explicação, uma prática analítica fundada em uma hermenêutica da fala humana e (com Além do Princípio do Prazer) até um certo retorno à *Naturphilosophie* contra a qual Helmholtz e seus seguidores se rebelaram — mostrou-se muito complexo e instável para ser sustentado em sua totalidade por qualquer um dos herdeiros de Freud (Dews, 1987, p. 47, tradução nossa).

Podemos perguntar qual seria exatamente a fonte da instabilidade e da complexidade que poderiam ameaçar essa síntese. Uma hipótese aqui é a de que parte da questão passa pelo encontro entre natureza, linguagem e cultura. Que haja se consolidado um programa de pesquisa em linguística dedicado tanto ao funcionamento da significação em contextos poéticos e literários, quanto no diálogo interdisciplinar com abordagens naturalistas em psicologia, isso vem a chamar atenção sob o pano de fundo deste problema epistemológico que resta em aberto desde a morte de Freud.

Há várias razões pelas quais Lacan desviará do caminho naturalista de Freud. No ambiente intelectual francês de sua época, era comum a concepção de que entre ciências naturais e ciências humanas havia uma distinção rígida, de fundo ontológico. Além disso, a forma particular como o naturalismo se desenvolvera na psicanálise após a morte de Freud havia favorecido modelos psicopatológicos excessivamente desenvolvimentistas e normativos (Prado Jr., 1991a).⁵

⁵ Há ainda uma parte da crítica de Lacan ao naturalismo, especialmente em sua relação com a linguagem, que é na verdade uma crítica a certo *objetivismo*: uma crítica à ideia de que os objetos — do desejo, da experiência, referidos pela linguagem — são pré-existentes à constituição simbólica enquanto tal (Prado Jr., 1991b). Curiosamente, a crítica ao “*objetivismo*” da semântica formal é um dos motivos que leva à fundação da linguística cognitiva (Rohrer, 2010).

Vale mencionar nesse contexto a influência de Georges Politzer sobre Lacan.⁶ Como concordam seus comentadores (Gabbi Jr., 2004; Silveira, 2015; Prado Jr., 1991a), Politzer é o pai de uma família de leituras da psicanálise que afirmarão que é preciso separar um núcleo essencial da descoberta de Freud da roupagem grosseira de biologia e ciência natural em que veio envolvida. Ainda sem os termos da lógica e da linguística que marcariam a tomada da psicanálise pelo campo da linguagem nas décadas seguintes, Politzer enfatiza sobremaneira as dimensões do *sentido* e do *relato*, que abririam a psicanálise a ser tomada em novos termos. Politzer é uma referência ilustrativa, que ajuda a compreender o movimento simultâneo de Lacan em direção à linguagem e em oposição ao naturalismo. Notemos ainda que o entusiasmo de Lacan com o estruturalismo na linguística e na antropologia aparece como uma espécie de *resposta* aos problemas epistemológicos que tinham sido colocados para ele por Politzer (Silveira, 2015).

Nesse contexto, e combinando inúmeras outras referências, Lacan formulou contribuições à psicanálise da maior relevância. Lacan contribuiu para desvincular a clínica psicanalítica do horizonte desenvolvimentista e normativo que ele identifica em seus contemporâneos (Darriba, 2005), destacando o papel paradoxal que a alteridade da linguagem tem na constituição da estrutura da subjetividade (Scarano; Pertile, 2022), e concebendo uma modalidade psicanalítica de trabalho com o discurso que se mostrou importante tanto na clínica (Dunker, Paulon, Milán-Ramos, 2016) quanto nos estudos literários (Felman, 1980). Não à toa, isso aproximou a psicanálise da teoria literária, da antropologia, da filosofia continental; terrenos em que sua obra encontra clara ressonância até hoje.

Para dar a ver o paralelo que liga psicanálise e linguística, consideremos agora o caso da formação da *poética cognitiva*. A poética cognitiva surge quando modelos desenvolvidos na semântica cognitiva passam a ser mobilizados em aplicações à textos poéticos e literários (Stockwell, 2019). O campo, hoje bem estabelecido, viu à época de seu surgimento o desafio de fazer conversar campos de pesquisa de abordagens contrastantes no modo como tratam da linguagem: a linguística cognitiva, com sua tendência a explicações de fundo naturalista, e a análise poética-literária, com sua tendência a compreensões de fundo “simbólico” (estético, crítico, desconstrucionista, estrutural, existencial etc.). Reações comuns de pesquisadores originários da poética e da literatura foram o receio de que a análise de textos promovida pelos cognitivistas de enrijeceria em categorias estanques (de fundo supostamente naturalista), bem como afirmações de que, apesar das promessas de inovação, as leituras cognitivistas de poesia e literatura eram muito simples, ou não traziam nada de novo em relação às leituras já disponíveis no campo com outros métodos (Freeman, 2006).

Contudo, como parece ter se dado de fato, a aplicação do programa cognitivista em linguística à análise literária e poética não visou substituir as leituras já praticadas nesse campo, nem abdicar de suas ferramentas. Mais precisamente, a linguística cognitiva pode funcionar como um método suplementar, com o objetivo de ajudar a explicar *como* essas (múltiplas) leituras são (cognitivamente)

⁶ Em 1928, Politzer escreve *A Crítica dos fundamentos da Psicologia* (2004), texto em que propõe um ambicioso projeto de refundação da psicologia. Esse projeto tem por partida uma avaliação crítica da epistemologia psicanalítica, e deixará marcas no modo que Lacan concebe tanto a psicanálise quanto a psicologia.

possíveis. Em que tipo de processos psicológicos se baseiam a produção de efeitos de sentido, de efeitos estéticos, de efeitos afetivos? Quais são os mecanismos que ligam a estrutura de um texto às recepções possíveis deste por um leitor? Nesse sentido, um importante potencial desse encontro estaria na possibilidade de que a linguística cognitiva fornecesse *uma base teórica para a intuição literária*. Combinam-se uma análise textual detalhada (de escolhas e de padrões linguísticos) e uma consideração sistemática dos processos mentais envolvidos no processo de interpretação:

A poética cognitiva [...] conecta o texto literário aos processos cognitivos da mente humana, fornecendo uma base teórica de linguística cognitiva para a intuição literária. É isso que a diferencia das abordagens puramente linguísticas ou literárias. Ela não substitui estas abordagens; na verdade, ela mostra como elas evidenciam os modos pelos quais um texto literário constrói pontes entre a mente e o mundo. É por esta razão, creio eu, que a poética cognitiva pode contribuir tanto para o empreendimento científico como para o humanístico. Ela não tenta transformar a investigação humanística numa ciência. Nem presume que a investigação científica possa substituir a investigação humanística como uma forma adequada de explicar a criatividade artística. À medida que “anda na linha” [*walks the line*] entre os dois, define o contorno [*boundary*] que separa e une os dois empreendimentos (Freeman, 2006, p. 11, tradução nossa).

A questão de fundo, na constituição da poética cognitiva, não é muito diferente da questão epistemológica da psicanálise contemporânea. A psicanálise lacaniana aproximou-se das humanidades, propondo um respectivo afastamento das ciências naturais. A apreciação da conexão profunda do universo psicanalítico com o universo do discurso viria ao preço – ou com a conquista – de sua separação de certos domínios teóricos. Quando pensamos em reaproximar a psicanálise pós-lacaniana de figuras contemporâneas do campo naturalista, encontramos as preocupações de que isso seria incompatível com a autonomia epistêmica da psicanálise (Laurent, 2014) ou de que dissolver-se-ia a sua navalha crítica em um banho ideológico científico ou psicologista (Parker, 2003). Mas isso talvez já seja pressupor uma distinção rígida entre natureza e humanidades, coisa que justamente a complexidade da linguagem humana parece nos obrigar a rever.

No caso da psicanálise, o medo de que seus métodos sejam esmagados pelo rolo compressor da cognição talvez seja uma preocupação especialmente razoável, se considerarmos a política que levou à hegemonia da terapia cognitivo-comportamental nos Estados Unidos, e de lá à grande parte do mundo. Mas, as ciências cognitivas são muito amplas. O programa epistemológico da linguística cognitiva tem muito pouco a ver com o programa político-econômico-clínico que levou à substituição da psicanálise nos EUA por práticas manualizadas, mais amigáveis à metodologia de estudos clínicos e alinhadas com seu paradigma psiquiátrico.⁷

Enfim, como no caso da poética cognitiva, poderíamos definir objetivos bem diferentes para a cooperação entre a linguística cognitiva e a psicanálise. Por exemplo, que essa linguística sirva de

⁷ O termo “cognição”, em comum entre um e outro, diz respeito aqui basicamente ao fato de que ambos compartilham do pressuposto, característico de todas as ciências cognitivas, de que é cientificamente possível e interessante estudar processos mentais “internos”.

base teórica para a “intuição analítica”, que ela ajude a explicar as múltiplas relações entre a estrutura do discurso e as considerações clínicas que um psicanalista tem de fazer. Retomando o quadro mais amplo dos desafios epistemológicos que constituem a psicanálise, uma aposta possível aqui é a de que a linguística cognitiva permitiria à psicanálise equilibrar a ênfase na linguagem trazida por Lacan com o delicado naturalismo de Freud.

3. O problema da significação

Outro ponto que pode motivar uma cooperação entre as disciplinas é o dos desafios envolvidos no estudo da significação. Tomando especificamente a psicanálise lacaniana e a linguística cognitiva, encontramos certa oposição: Lacan teria priorizado o significante em detrimento do significado, enquanto a linguística cognitiva teria resgatado o significado do menosprezo que recebia no gerativismo. Este paralelo e esta oposição se desdobram em implicações teóricas e metodológicas bastante concretas, cuja exploração oferece um primeiro exemplo de uma contribuição mútua potencial entre os campos.

Podemos considerar que a significação está em jogo na clínica psicanalítica desde o seu momento inicial, quando foi possível a Freud se perguntar sobre o sentido de um sonho, ou supor que um sintoma poderia ter um significado. O psicanalista deve, cotidianamente, examinar os efeitos de sentido dos ditos e dos não-ditos, acompanhar as transformações no significado do vocabulário de um analisante e distinguir, no discurso, elementos que se abrem a múltiplos sentidos. Deve, ainda, suspeitar de significações demasiado fixas, jogar com o *non-sense*, e sustentar que alguns significados possam faltar. Assim, a psicanálise parece demandar uma reflexão sobre a natureza destes fenômenos significativos e, em particular, sobre a possibilidade de se operar clinicamente – isto é, levando em conta considerações causais e contrafutuais – com algo como a significação.

Consideramos que o trabalho analítico envolve questões eminentemente semânticas. São exemplos: a identificação de sinônimos (o analista só reconhece uma repetição se o mesmo termo exato for usado, ou ele também escuta a repetição de termos com significados parecidos?), a nomeação (sob que condições um analista pode oferecer um nome alternativo para algo de que fala o analisante, introduzindo assim uma palavra nova no discurso?) e o jogo com metáforas (de que maneira o significado de uma expressão metafórica presente no discurso permite a criação de novas expressões relacionadas à primeira?).⁸ Podemos, portanto, levantar a hipótese de que a psicanálise necessitaria de uma teoria do significado mais rica e robusta, a fim justamente de tratar do uso dinâmico da linguagem que ocorre na clínica.

Por mais evidente que possa parecer a importância do significado linguístico para o trabalho do analista, esse tema recebeu pouca atenção na tradição lacaniana. Uma exploração detalhada dos motivos que levaram a esse encobrimento precisaria ser oferecida em outro lugar, mas ele se liga

⁸ Admitimos que esse trabalho possa ser feito, muitas vezes, de maneira inconsciente; o que não nos exime da tarefa de descrever suas condições.

certamente à ênfase dada por Lacan ao *significante*. São frequentes as leituras que resumem o papel do significado na psicanálise a algo secundário ou de menor valor, pautadas em afirmações do francês de que o significante precede o significado e o determina (Lacan, 2024b, p. 177, p. 164); de que o significado é imaginário, evanescente, e sedutor, mas é o significante que tem um papel essencial, mediador, primordial na investigação analítica (Lacan, 2024c, p. 44, p. 178); ou ainda de que a técnica do significante evita que o analista se perca nas confusões perpétuas do significado (Lacan, 2024a, p. 11). Entretanto, o significante em Lacan é um conceito polissêmico, cambiante, e que se sobrepõe, muitas vezes, com o plano do “significado” dos linguistas, como já foi decisivamente demonstrado por pesquisadores como Waldir Beividas (2020) ou Patrick Juignet (2003).

Para compreender o sentido e da importância da teoria lacaniana do significante e de suas críticas à significação seria necessária uma análise detida e extensa, inviável neste espaço. Resumidamente, a sua proposta sobre o significante precisa ser entendida no contexto de sua teoria da constituição do sujeito, e não como uma teoria geral sobre a linguagem (Lyotard, 2011). É no nível da constituição do sujeito que o significante lacaniano é anterior ao significado: para encontrar um lugar no campo simbólico, o sujeito deve responder à negatividade Real da sexualidade e do reconhecimento com uma construção significante contingente, a partir da qual será possível o advento de uma significação metafórica.

De todo modo, não parece que o psicanalista francês tenha buscado responder a questões fundamentais para uma teoria do significado como: o que quer dizer que um elemento linguístico, como uma palavra, tenha “significado”? Como definir e estudar relações de sentido entre diferentes palavras e expressões? E como é que elementos significativos podem se combinar para produzir outras entidades significativas, como palavras em sentenças ou sentenças em um discurso? O que implica que a relação entre forma linguística e significação, desde sempre no centro dos interesses psicanalíticos, não parece ter encontrado na psicanálise uma formulação à altura de seus desafios clínicos cotidianos de escuta e intervenção.

Nesse sentido, nossa hipótese é que a linguística cognitiva pode funcionar como um fundamento teórico e metodológico para a descrição e análise dos processos e decisões em jogo para um psicanalista. Como uma ferramenta para estudar a “intuição” analítica, ou, mais precisamente, a *escuta*. Dada a diversidade de fenômenos significativos na interação analítica e a diversidade de ferramentas para o estudo do significado na semântica cognitiva contemporânea, ofereceremos aqui apenas breves ilustrações da possível relevância metodológica desta última para a psicanálise, a servir mais como um convite e abertura que como demonstração conclusiva.

Uma característica definidora da linguística cognitiva é que ela seja uma perspectiva preocupada em mapear a estrutura e a dinâmica da linguagem em uso, visando explicar como funciona a construção interativa e contextualizada de significações; em uma convergência que reforça o atrativo da aproximação a ser tentada. Podemos nos lembrar do comentário de Fauconnier sobre o surgimento do campo:

Então você pergunta: como é que você se tornou um semanticista cognitivista? E a resposta é praticamente a mesma para mim e para meus amigos e colegas, Langacker, Talmy, Lakoff: o estudo da linguagem não nos deu escolha, a semântica provou ser profundamente, densamente cognitiva e inextricavelmente entrelaçada com a sintaxe, de modo que, se seríamos linguistas, certamente seríamos semânticos cognitivos. O que cada um de nós descobriu, entre outras coisas, foi que uma sentença em linguagem natural é cognitivamente complexa, porque fornece uma série de diversas instruções para a construção de significações contextualizadas (Fauconnier; Almeida; Lisboa, 2020, p. 200, tradução nossa).

O princípio mais importante sobre a abordagem cognitiva a mencionar aqui é a ideia de que *os fenômenos da significação podem ser descritos como a evocação, por expressões linguísticas, de apresentações conceituais*. Dentro desse paradigma, as formas linguísticas fornecem maneiras semiestruturadas, pistas, para a construção mental de estruturas conceituais complexas e perspectivadas (Langacker, 1991). É por esse motivo que, para entender a relação entre forma linguística e significação, seria preciso considerar a natureza de processos como a formação de conceitos (incluindo o papel da experiência corporificada e a estrutura do aparelho sensorial e cognitivo) ou a imaginação (incluindo a comparação metafórica e a composição de *blends*). Tanto quanto linguistas cognitivos, psicanalistas tem necessidade de supor certas conexões entre o uso da linguagem e a vivência de experiências, a estrutura de cenas e a faculdade da imaginação. Se uns colocam a linguagem no centro por serem, afinal, linguistas, os outros colocam a linguagem no centro pois é a partir do discurso dos analisantes que é possível vir a conhecer toda essa complexa arquitetura e, fundamentalmente, intervir sobre suas amarras.

Em um caso relativamente simples de “escuta”, palavras aparecem para o analista como elementos particularmente representativos de algo que se repete ao longo da análise. Geralmente, a importância dessas expressões destacadas está em sua capacidade de apontar para algo como uma posição subjetiva, a organização de um sintoma, ou o funcionamento de um gozo. Para entender como isso ocorre, precisaríamos explicar como certas palavras são capazes de registrar (ou organizar) as coordenadas de um espaço conceitual.

A palavra “aprovado” era uma dessas, em um caso clínico que acompanhei.⁹ O sujeito em questão chega à análise angustiado com questões surgidas em seu primeiro estágio profissional. Ele se queixava de extrema ansiedade com as demandas e com os comentários que recebia de seus superiores, querendo “gabaritar” as inúmeras tarefas que lhe eram dirigidas. Uma dificuldade para esse sujeito era o fato de que as devolutivas que recebia eram poucas e inexatas. Assim, sem saber como o outro o “avaliava”, sentia-se frequentemente inseguro, perdido, e sobrecarregava-se de mais tarefas buscando ser “aprovado” como um “profissional nota dez”. Fora do âmbito profissional, também lhe ocorria de sentir as relações pessoais como “testes” em que “não sabia o que ia ser cobrado”.

Como se vê, no discurso do caso multiplicam-se as expressões ligadas a provas, testes e avaliações. O trabalho de mapear as relações entre diferentes expressões, distinguindo conjuntos

⁹ Apresento esse fragmento de maneira parcialmente ficcionalizada, de modo a preservar a identidade do sujeito.

interligados, é uma tarefa essencialmente semântica e não apenas formal. Estipular a relação semântica entre os termos é um problema análogos, em certa medida, aos que levaram alguns linguistas aos modelos cognitivos, como foi o caso da semântica de quadros desenvolvida por Charles J. Fillmore (1982).

Uma boa descrição desse conjunto de relações semânticas não é possível se nos atermos a relações como sinônima, hiperónima etc. O que liga as expressões “prova”, “gabarito”, “nota” etc. é o fato de que o seu significado linguístico equivale a ativação de diferentes elementos em um mesmo *quadro conceitual esquemático* (Fillmore, 1982). A maior parte dos brasileiros falantes de português compartilha a experiência de realizar “provas” (pois o ensino escolar é praticamente universal), e compartilha também a esquematização dessa experiência em torno de certos elementos prototípicos como nota, conteúdo cobrado etc. (pois compartilhamos sistemas cognitivos parecidos e pois o discurso compartilhado ajuda a constituir esse sistema de lugares conceituais). Poderíamos assim dizer que o significado das expressões é a sua capacidade de ativar diferentes elementos do quadro conceitual esquemático.

No caso clínico, é marcante como o sujeito empregava o quadro conceitual da prova como uma espécie de grade interpretativa universal. Quando tentava compreender a si e aos outros nesses termos, dispunha seus conflitos em função dos lugares determinados por esse esquema: nota, estudo, conteúdo, gabarito etc. As palavras nomeiam e especificam esse enquadre, o analista escuta essa relação entre forma linguística e representação conceitual. Essa multiplicação de vocábulos ligados a um mesmo quadro, em particular quando ocorre para falar de seu sofrimento, pode sugerir a hipótese de que esse quadro foi empregado na construção fantasmática do sujeito. Constitui-se algo como uma metáfora, em que a prova passa a ser um quadro com que vai ser significada a vida, as relações, o desejo. É como se o sujeito fosse realmente *aprovado*, isso é, tornado prova.

A significação inconsciente se apresenta aqui como a construção de uma estrutura simbólica capaz de conceituar o enigma do reconhecimento. E vê-se como pode ocorrer de que uma significação desse tipo seja fixa demais – Ramos (2013) fala em uma significação cristalizada, congelada. A análise visaria tanto que o sujeito veja a quais construções simbólicas ele está amarrado, quanto fazer “deslizar” desses sentidos, quer dizer, questioná-los, expandi-los, brincar com sua estrutura etc. “O que é essencial é que ele veja, para além dessa significação, a qual significante – não-senso, irredutível, traumático – ele está, como sujeito, assujeitado” (Lacan, 1985, p. 237).

Outra via de contribuições da semântica cognitiva à psicanálise passa por seu interesse na construção perspectivada do significado e na relação entre linguagem e imaginação. Quando Freud (2006c) analisa a expressão “uma criança é espancada”, ligada a intensas experiências afetivas de seus pacientes, ele destaca o modo como a cena oculta diversas informações sobre os participantes da cena e sobre a atividade que se realiza entre eles. Uma análise de inspiração cognitivista poderia destacar como a voz passiva (Langacker, 1991), o artigo indefinido (Langacker, 1991) e os conceitos próximos ao nível básico (Rosch, 1999) são escolhas linguísticas contribuem para a apresentação de uma cena marcada pelo desconhecimento do sujeito sobre o que ali se passa.

Afinal, na perspectiva cognitivista, as marcas linguísticas de um enunciado revelam os processos representacionais daquele que fala, como o pensamento e a imaginação, e podem contribuir diretamente para o conhecimento do processamento psíquico de informações (Tenbrink, 2015). Do ponto de vista psicanalítico, as escolhas linguísticas não carregam marcas só daquilo que estava proeminente na consciência do sujeito, mas indicam também os pontos onde o trabalho do recalque, ao impedir o acesso a determinados conteúdos inconscientes, censura, forma, e deforma o texto da consciência.

Uma exploração em profundidade de questões como essas conduziria à necessidade de análises mais extensas, com material clínico, considerando como a construção dinâmica de significados se sobrepõe e se amarra com a dinâmica de interações que constitui um encontro psicanalítico. O enquadre clínico produz um recorte *sui generis* sobre a intersubjetividade, em que o contexto relativamente controlado permite discernir o jogo e a tensão entre aquilo que é rudimentar a toda interação humana e as mais variadas funções da linguagem: narrativa, poética, cômica, performativa. Para avançar nesse projeto, se imporia a necessidade de uma cooperação entre recursos metodológicos e teóricos de ambos os campos.

4. O problema da interação

Do mesmo modo que a linguística oferece uma teoria da linguagem que, apostamos, poderia contribuir à psicanálise; a psicanálise talvez ofereça certa *teoria da interação* que poderia contribuir à linguística. Um primeiro convite para tanto pode ser encontrar em uma entrevista de George Lakoff (1998). Lakoff é conhecido por enfatizar sobremaneira a dimensão biológica – corporal, evolutiva e neurológica – da constituição de nossos aparelhos conceituais e de nossa linguagem. Nessa entrevista, perguntaram a Lakoff se, além dos efeitos da realidade corpórea sobre a cognição e sobre a linguagem, também haveria o caminho inverso, de que a linguagem ajudaria a constituir nossos sistemas cognitivos. Sua resposta é curiosa: ele diz que interações interpessoais são um contexto central para entender a constituição mútua entre cognição e linguagem, mas que *são um objeto mais difícil de estudar*.

Uma criança ao nascer interage com seus pais imediatamente. Há interação pessoal, interação física, todo tipo de interação, imediatamente. Não é que a interação interpessoal seja menos importante. É simplesmente que sabemos menos sobre como descrevê-la. Sabemos menos sobre como ela funciona na linguagem e no pensamento na atualidade (Lakoff, 1998, p. 93, tradução nossa).

O ponto deixado em aberto por Lakoff por sua dificuldade é justamente o ponto pelo qual se interessa a psicanálise. Em mais de um século de psicanálise, muito foi construído sobre como descrever interações interpessoais, sobre seu funcionamento, e mesmo sobre suas relações com a linguagem e com o pensamento. Em particular, as interações de um bebê com seus cuidadores, de uma criança com suas figuras de referência, estão entre os processos mais discutidos na tradição psicanalítica. Esse parece o tipo de problema em linguística que poderia se beneficiar de uma cooperação com a psicanálise.

Consideremos, primeiro, que a interação específica propiciada pela psicanálise tem a condição de ressaltar usos e efeitos da linguagem que não são facilmente observáveis em qualquer contexto. Desde sua origem, a psicanálise afirma os limites do eu consciente na descrição dos sentidos e da experiência (e, poderíamos acrescentar, do sistema conceitual) de um sujeito falante – o que origina desafios metodológicos significativos. Do ponto de vista lacaniano, a particularidade da situação “intersubjetiva” da psicanálise está em que um dos participantes trabalha de modo a não ocupar a posição de “sujeito”. Isso tem como consequência que o outro sujeito apareça enquanto tal: na medida que a interação analítica é guiada sobremaneira pelo discurso de um dos participantes (segundo certas hipóteses de método), o material linguístico produzido ali pode ser escutado como se referindo, fundamentalmente, à constituição simbólica de um dos falantes. Acrescido o fato de que um processo psicanalítico seja capaz de levar um sujeito a falar sobre algumas de suas interações constitutivas mais originárias, temos aí um dispositivo capaz de produzir um material de pesquisa muito singular.

Segundo, a psicanálise pode ser lida como uma demonstração de que o sistema conceitual humano é repleto de inconsistências e conflitos (Thá, 2004), e que, em um certo sentido, os conflitos de um determinado sujeito são pilares fundamentais no que diz respeito à estruturação geral de como esse sujeito concebe suas relações. Em certos domínios ou circunstâncias, como nos sonhos e nas chamadas “formações do inconsciente”, os processos cognitivos podem abandonar princípios lógicos ou de composição (temporal, espacial, causal etc.) que respeitam normalmente na vigília. E, desde Freud, é preciso reconhecer que as simbolizações humanas mobilizadas nas interações entre sujeitos são sempre sobredeterminadas por múltiplos sentidos, de maneira que mesmo interações aparentemente insuspeitas podem ser atravessadas por conflitos e desejos capazes de deixar marcas – como apagamentos, substituições etc. – no “texto” produzido em seu contexto.

Terceiro, a psicanálise lacaniana tem como um de seus temas centrais o complexo papel desempenhado pela linguagem na dinâmica constitutiva que se dá entre um sujeito e o Outro. O Outro pode ser entendido aqui tanto como o grande Outro que representa, no sistema simbólico, a “sede da linguagem” ou “lugar do código” quanto como o conjunto de figuras que vem a ocupar esse lugar na história singular de um sujeito, como, por exemplo, uma mãe que transmite a “língua materna”. Lacan destaca os paradoxos que decorrem de que o sujeito, para simbolizar a si mesmo, tenha de recorrer aos significantes vindos do Outro, alienando-se assim na linguagem. Correm paralelamente: a constituição de seu sistema simbólico e um jogo de reconhecimento que se estabelece entre um novo ser falante e aqueles que o introduzem na língua. Daí que “o desejo do homem é o desejo do Outro”, e que naquilo que nos é mais íntimo, encontremos algo exterior, concepção da qual Lacan derivou o neologismo “extimidade” (1988).

Em Langacker já encontramos que a dimensão interacional “depende criticamente das mentes corporificadas que se engajam em interações, e não pode ser propriamente entendida ou descrita sem uma caracterização detalhada das concepções que abrigam, inclusive de suas concepções da interação e das concepções do interlocutor” (Langacker, 1999, p. 15). E a complexidade das relações entre

sujeito e Outro na constituição e no uso do aparato linguístico é ainda mais sensível em uma onda recente de trabalhos de linguistas, a qual pode ser bem exemplificada pelo artigo recente de Geeraerts (2021). Esse artigo põe em relevo que, mesmo no contexto de uma análise estritamente linguística da troca entre um falante e seu interlocutor, se impõe o problema de que o próprio falante pode conceber o sistema conceitual do Outro de diferentes maneiras – de que há uma imbricação delicada entre sujeito falante e Outro. Esses tópicos se tornam realmente candentes quando se trata de pensar sobre o papel decisivo do Outro, sede da linguagem, na constituição do sistema conceitual do sujeito. Nesse sentido, é curioso e significativo conceber que uma estrutura relacional paradoxal esteja na base de toda nosso sistema conceitual (ou, ao menos, de nossa conceituação sobre relações intersubjetivas).

Os linguistas cognitivos mostraram como uma série de esquemas topológicos constituem a base conceitual de grande parte dos significados construídos pela linguagem: dentro-fora, cima-baixo, parte-todo etc. (Rohrer, 2010). Ora, sabemos da insistência de Lacan em brincar com figuras topológicas “contraintuitivas”, como a banda de Möbius e a garrafa de Klein. Talvez, a manobra do psicanalista de situar essas construções paradoxais no fundamento de nossa subjetividade não seja, afinal, tão diferente do que fizeram os cognitivistas. Lendo-o dessa forma, a contribuição de Lacan para o modelo cognitivista da linguagem poderia ser resumida como a adição de algumas formas topológicas não-usuais na base de nossa conceituação (inter)subjetiva. Essa topologia atípica se desdobra em um sistema de negatividades (ligado a seu conceito de Real) que sugere tanto a impossibilidade de que nosso sistema linguístico-conceitual (Simbólico-Imaginário) recubra perfeitamente um sistema de interações (desejantes), quanto a impossibilidade de um pleno encontro entre sujeitos (desejantes), dado que suas interações são necessariamente mediadas por esse mesmo sistema linguístico-conceitual.

Conclusão

Os desafios e potenciais da colaboração entre psicanálise e linguística contemporânea são vastos, refletindo uma história de aproximações e desencontros entre essas disciplinas. A evolução da linguística em direção às ciências cognitivas é contrária, em alguns sentidos, à evolução que a psicanálise tem na esteira de Lacan. Entre os obstáculos evidentes, há o temor de uma diluição dos métodos e conceitos da psicanálise diante do enfoque cognitivista. É verdade que a epistemologia lacaniana, como tradicionalmente concebida, não se presta facilmente a trânsitos interdisciplinares como esse. No entanto, uma e outra disciplina encontram hoje desafios que podem motivar um trabalho de encontro, como é sensível no problema da significação, na questão do papel do Outro na constituição do sistema simbólico de um sujeito ou mesmo no tópico da relação entre natureza e linguagem.

Embora Lacan tenha privilegiado o significante, é evidente que uma abordagem abrangente da significação é necessária para lidar com a complexidade dos fenômenos semânticos encontrados na clínica psicanalítica. A linguística cognitiva oferece um arcabouço teórico e metodológico que

pode complementar e enriquecer a compreensão psicanalítica da linguagem e da significação. Enquanto a linguística oferece uma base teórica para compreender a linguagem e sua relação com a cognição, a psicanálise oferece uma teoria das interações humanas e de seus efeitos na constituição do sujeito; nesse quadro, a importância da interação interpessoal na formação dos sistemas cognitivos e linguísticos sugere um ponto de convergência entre as duas disciplinas.

É possível imaginar uma colaboração mais estreita, em que ambas explorariam conjuntamente como os elementos linguísticos contribuem para a construção de significados no contexto específico do setting analítico, estabelecendo os fundamentos teóricos da escuta analítica. Ao dialogar com a base teórica da linguística cognitiva, a psicanálise pode encontrar um equilíbrio entre a ênfase na linguagem trazida por Lacan e o singular naturalismo de Freud, na direção de uma compreensão mais profunda das dinâmicas psíquicas e linguísticas que constituem a experiência humana.

Neste artigo, buscamos destacar paralelos epistêmicos e possibilidades de contribuições teóricas mútuas, com a esperança de inspirar futuras investigações e colaborações inter- e transdisciplinares entre psicanalistas e linguistas. Diante da riqueza de interesses comuns e da promessa de avançar no entendimento dos fenômenos complexos da linguagem em uso e das relações intersubjetivas, parece se justificar suficientemente o interesse de uma cooperação renovada e enriquecedora entre esses domínios do conhecimento, o que inclui o desafio de enfrentar os muitos pontos de dificuldade e tensão que restam em aberto entre os campos.

Referências

- ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise, linguística e inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BEIVIDAS, Waldir. Inconsciente e sentido: psicanálise, linguística, semiótica. Annablume, 2009.
- BEIVIDAS, Waldir. Psicanálise e semiótica: situação em 2020. *Estudos Semióticos*, v. 16, n. 1, pp. 11-29, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/167071>. Acesso em: fev. 2024.
- BOLOGNESI, M.; BICHISECCHI, R. Metaphors in dreams: Where cognitive linguistics meets psychoanalysis. *Language and Psychoanalysis*, v. 3, n. 1, pp. 4-22, 2013. Disponível em: <http://www.language-and-psychoanalysis.com/article/view/1585>. Acesso em: fev. 2024.
- BUCHHOLTZ, M.; SPIEKERMANN, J.; KÄCHELE, H. Rhythm and Blues—Amalie’s 152nd session: From psychoanalysis to conversation and metaphor analysis—and back again. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 96, n. 3, pp. 877-910, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26173891/>. Acesso em: fev. 2024.
- BURKE, M.; TROSCIANKO, E. (org.) *Cognitive literary science: Dialogues between literature and cognition*. Oxford University Press, 2017.
- CAMPOS, Érico Bruno Viana. Representação psíquica e teoria da linguagem nos textos iniciais freudianos: um estudo da monografia sobre as afasias. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 20, pp. 105-115, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/kDhg977vt9LgGMNTDtPrPZh/>. Acesso em: fev. 2024.

CASONATO, Marco. Psicoanalisi: semantica del transfert. *Reti, saperi, linguaggi*. v. 4, n. 2, 2012. Disponível em: <https://boa.unimib.it/handle/10281/39435>. Acesso em: fev. 2024.

CASONATO, Marco. *Immaginazione e metafora*: psicodinamica, psicopatologia, psicoterapia. Gius. Laterza & Figli Spa., 2015.

CASPI, T. Towards psychoanalytic contribution to linguistic metaphor theory. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 99, n. 5, pp. 1186-1211, 2018. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33951787/>. Acesso em: fev. de 2024.

CUÉLLAR, David Pavón. Untying real, imaginary and symbolic: A Lacanian criticism of behavioural, cognitive and discursive psychologies. *Discourse*, 24, 2004.

DARRIBA, V. A falta conceituada por Lacan: da coisa ao objeto a. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 8, n. 1, pp. 63-76, jan. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/WjZpc7V4rQJTg89TvMwfTzS/>. Acesso em: maio 2024.

DAVIDOVICH, M. M., WINOGRAD, M. Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. *Psicologia em Estudo*, v. 15, pp. 801-809, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/XZdQkNQg93FT6PtYHwBsGLn/>. Acesso em: fev. 2024.

DEWS, Peter. *Logics of disintegration: poststructuralist thought and the claims of critical theory*. Verso Books, 1987.

DUNKER, Christian. I. L.; PAULON, Clarice P.; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. *Análise psicanalítica de discurso: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

DUNKER, Christian I. L. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*: uma psicopatologia do Brasil entre muros. São Paulo: Boitempo, 2016.

FAUCONNIER, G.; ALMEIDA, M. L. L.; LISBOA JR., J. L. F. Semantics and Cognition: an interview with Gilles Fauconnier. *Diadorm*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, pp. 198-228, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorm/article/view/38222>. Acesso em: fev. 2024.

FAUCONNIER, G. Methods and generalizations. Em: REDEKER, G.; JANSEN, T. (org.), *Cognitive Linguistics: Foundations, Scope, Methodology*. Mouton de Gruyter, Berlim, 1999.

FELMAN, S. On reading poetry: reflections on the limits and possibilities of psychoanalytical approach. Em: Smith, J. H. (org.). *The Literary Freud: Mechanisms of Defense and the Poetic Will. Psychiatry and the Humanities*, vol. 4., Yale University Press, 1980.

FONTES, F. O estilo lacaniano e a polissemia dos conceitos. *Fractal*, v. 27, n. 3, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5085>. Acesso em: maio 2024.

FORRESTER, John. *Language and the Origins of Psychoanalysis*. Springer, 1980.

FRANCEINFO. *Autisme : ce que dit le rapport qui désavoue la psychanalyse*. 2012. Disponível em: https://www.francetvinfo.fr/france/autisme-la-psychanalyse-une-nouvelle-fois-mise-a-l-amende_70275.html. Acesso em: maio 2024.

FREEMAN, Margaret H. The fall of the wall between literary studies and linguistics: Cognitive Poetics. *Cognitive linguistics: Current applications and future perspectives*, pp. 403-428, 2006. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783110197761.5.403/pdf>. Acesso em: fev. 2024.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre histeria. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume I*. Imago, 2006a.

FREUD, Sigmund. Conferência IV. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XV*. Imago, 2006b.

FREUD, Sigmund. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume XVII*. Imago, 2006c.

GABBI JR., Osmyr Faria. *Freud: racionalidade, sentido e referência*. Campinas, Unicamp, 1994.

GEERAERTS, Dirk. Second-order empathy, pragmatic ambiguity, and irony. Em: DA SILVA, Augusto Soares (org.). *Figurative Language—Intersubjectivity and Usage*, Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, pp. 19-40, 2021.

JUIGNET, Patrick. Lacan, le symbolique et le signifiant. *Cliniques méditerranéennes*, v. 2, pp. 131-144, 2003. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-cliniques-mediterraneennes-2003-2-page-131.htm>. Acesso em: fev. 2024.

KIHLSTROM, J. F. Unconscious processes. Em: REISBERG D. (ed.). *The Oxford Handbook of Cognitive Psychology*. Oxford, 2013.

KÖVECSES, Z. Metaphor and Psychoanalysis: A cognitive linguistic view of metaphor and therapeutic discourse. *Psyart Journal*, 2001. Disponível em: https://psyartjournal.com/article/show/kvecsces-metaphor_and_psychanalysis_a_cognitive_. Acesso em: fev. 2024.

KRUTZEN, H. *Para uma nova definição do espaço clínico: Topologia em expansão*. São Paulo, Annablume, 2018.

LACAN, Jacques. *Séminaire 5 : Formations*, 2024a. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S5/S5.htm>. Acesso em: fev. 2024.

LACAN, Jacques. *Séminaire 2 : Le moi*, 2024b. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S2/S2.htm>. Acesso em: fev. 2024.

LACAN, Jacques. *Séminaire 3 : Psychoses*, 2024c. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S3/S3.htm>. Acesso em: fev. 2024.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LAKOFF, George. Cognitive semantics: In the heart of language an interview with George Lakoff. *Fórum Linguístico*, 1(1), 83-119, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/6916>. Acesso em: fev. 2024.

LANGACKER, Ronald W. *Concept, image, and symbol*. Walter de Gruyter Inc., 1991.

LAURENT, Eric. *Lost in cognition: psychoanalysis and the cognitive sciences*. Londres, Karnak, 2014.

LEPESQUER, Marcus. O imaginário como estrutura semiótica dos sintomas positivos da psicose paranoica: uma interface entre semiótica cognitiva e psicanálise. *Estudos Semióticos*, v. 16, n. 1, pp. 98-121, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/161243>. Acesso em: fev. 2024.

LYOTARD, J. F. *Discourse, figure*. University of Minnesota Press, 2011.

MACHADO, Bruno Focas Vieira. Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 55, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4177>. Acesso em: fev. 2024.

MILLER, J.-A. Suture (Elements of the Logic of the Signifier). *Screen*, v. 18, n. 4, pp. 24-34, 1977.

NYCKEES, V. La cognition humaine saisie par le langage: De la sémantique cognitive au médiationnisme. *Corela. Cognition, représentation, langage*, (HS-6), 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/corela/1538>. Acesso em: fev. 2024.

PARKER, I. Jacques Lacan, barred psychologist. *Theory & Psychology*, v. 13, n. 1, pp. 95-115, 2003.

PAVÓN-CUÉLLAR, D. Untying real, imaginary and symbolic: A Lacanian criticism of behavioural, cognitive and discursive psychologies. *Discourse*, 24, 2009.

POLITZER, Georges. *Crítica dos fundamentos da psicologia*. Unimep, 2004.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. Em: MUSSALIN, F., BENTES, A. N. (org.), *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, v. 1, pp. 11-14., 2001.

PRADO JR.; Bento. Georges Politzer: sessenta anos da “Crítica dos fundamentos da Psicologia”. Em: PRADO JR., B.; MONZANI, L. R.; GABBI JR., O. F. (org.), *Filosofia da Psicanálise*. Brasiliense, 1991a.

PRADO JR., Bento. Lacan: Biologia e Narcisismo ou A costura entre o real e o Imaginário. Em: PRADO JR., B.; MONZANI, L. R.; GABBI JR., O. F. (org.), *Filosofia da Psicanálise*. Brasiliense, 1991b.

ROHRER, Tim. Embodiment and experimentalism. Em: Geeraerts, D., Cuyckens, H. (org.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, 2010.

ROSCH, E. et al. Basic objects in natural categories. *Cognitive psychology*, v. 8, n. 3, pp. 382-439, 1976.

ROSENBAUM, B. The Unconscious: How does it speak to us today? *The Scandinavian Psychoanalytic Review*, v. 26, n. 1, pp. 31-40, 2003.

SAFATLE, V. *A paixão do negativo*. Unesp, 2006.

Lacan e linguística cognitiva: novos diálogos em torno da intersubjetividade

SCARANO, R. C. V.; PERTILE, G. H. A questão da identificação em O estádio do espelho e sua relação com a alteridade em Jacques Lacan. *Analytica: Revista de Psicanálise*, v. 10, n. 19, pp. 1-21, 2022. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/3893>. Acesso em: maio 2024.

SILVEIRA, Léa. Lacan entre Politzer e Lévi-Strauss: Estratégias para pensar inconsciente e desejo sem psicologismo. Em: CARVALHO, M.; TOURINHO, C.; SAVIAN FILHO, J.; CAVALEIRO DE MACEDO, C. C.; CARONE, A. M. (org.) *Fenomenologia, Religião e Psicanálise*. Coleção XVI Encontro ANPOF: ANPOF, pp. 380-400, 2015.

SIMANKE, Richard T. Apsicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. *Scientiae Studia*, v. 7, pp. 221-235, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ss/a/GV77NSd8QvpBYNNxNkYTFq/>. Acesso em: fev. 2024.

SOKAL, A. D. *The Sokal hoax: The sham that shook the academy*. University of Nebraska Press, 2000.

STOCKWELL, P. *Cognitive poetics: An introduction*. Routledge, 2019.

TENBBRINK, T. Cognitive discourse analysis: Accessing cognitive representations and processes through language data. *Language and Cognition*, v. 7, n. 1, pp. 98-137, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/langcog.2014.19>. Acesso em: fev. 2024.

THÁ, Fábio. *Categorias conceituais da subjetividade*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2004. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24462>. Acesso em: fev. 2024.